



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12154 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

ENTRE TELAS E JANELAS: TECNOLOGIAS, ARTES E CRIAÇÕES CURRICULARES DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Talita dos Santos Malheiros Gregorio - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rafaela Rodrigues da Conceição - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Depois de nossas vidas serem migradas tão rapidamente e bruscamente para o virtual, com a chegada da pandemia de COVID-19 no mundo e no Brasil, passamos a viver experiências inéditas e diversas com as aulas, com a escrita, com as artes, as amizades, amores e desafetos, com as causas sociais e políticas, com as memórias e com os cotidianos. Transformações imediatas e em série nos mostraram que outras formas de viver e de se relacionar com o mundo mudariam completamente as práticas *'docentesdiscentes'* e os usos dos artefatos culturais e digitais em redes.

Tudo o que *'aprendemosensinamos'* nos tantos *'espaçostempos'* escolares precisou ser ressignificado de um dia para o outro. Incrivelmente, em poucas horas tivemos que planejar, criar e aprender a editar, publicar e compartilhar vídeos-aulas em plataformas ainda em fase de implementação. Planejamos conteúdos que talvez não chegassem a todos os estudantes, visto a escassez e instabilidade no acesso à internet e a falta de aparelhos eletrônicos compatíveis aos sistemas, que impossibilitavam o acesso aos conteúdos, pelo menos, em ambas as escolas que nós, professoras da educação básica da rede pública da cidade do Rio de Janeiro atuamos.

Também fizemos de nossas casas as nossas salas de aulas. Ou seja, suspendemos o céu e ampliando o nosso horizonte existencial, enriquecendo as nossas subjetividades (KRENAK, 2020, p.32). Adiante, usamos a nossa capacidade criativa para construir paraquedas coloridos (KRENAK, 2020, 30) e não despencar ainda mais sob os discursos que tentaram nos homogeneizar a todo momento. Utilizamos *'prácticasteorias'* ilimitadas ao tecer novas redes

educativas que ao mesmo tempo formamos e somos formadas. (ALVES, 2019).

Neste processo, “existimos em uma monstruosa floresta de gestos” (NETTO, 2016, p.31), aonde sentidos e sentimentos se refizeram constantemente. Onde o individual e o coletivo existiram na instabilidade de um sinal de internet ou em um ambiente virtual. Aonde espaço e tempo precisaram ser negociados e reconciliados a todo momento. Deglutimos as práticas docentes de ontem para criar novas maneiras de se relacionar com o mundo e com os discentes de hoje. Recriamos currículos. (Re)existimos nas entrelinhas das surpresas, do inesperado. Traçamos linhas de fuga em meio à desordem e às tantas injustiças vividas junto à pandemia.

Professores e estudantes se tornaram “fazedores” (MARTINS, 2019) de produções audiovisuais e sonoras nessas horas sem fim de ensino remoto. Regressam às escolas e universidades criando e compartilhando nas redes diversos artefatos digitais mediante a gama de recursos, ferramentas, softwares e programas que foram disponibilizadas e atualizadas nesse período e que, devido o susto pandêmico, foram destrinchados às pressas para que as aulas pudessem acontecer.

Esse enxerto de aprendizado digital acabou deixando algumas marcas; tanto nos sistemas oferecidos online para a população, que em geral, sofreram uma informatização em larga escala de grande relevância; como para nós professoras pesquisadoras, que nos conectamos a uma cultura digital que inexistia na vida de muitas de nós. Ampliamos e interagimos em múltiplas redes educativas, sociais e digitais forjando *'saberesfazeres'* como docente; e também discente; nas escolas e universidades. *'Aprendemosensinamos'* com o inesperado, criando redes de criação e resistência em meio ao caos que se instaurou no Brasil e no mundo.

Com Carvalho, Roseiro e Lourenço (2020, p.90-91) “partimos da premissa de que a arte e/ou os signos artísticos possuem o caráter especial de explorar afetos e afecções inusitadas, ampliando nossas relações com o mundo”. Por isso apostamos em criações que potencializaram subjetividades e geraram múltiplas possibilidades de existências. Compreendemos que crianças, adolescentes e jovens passaram a ocupar e participar de múltiplos planos do devir. Produzimos *'docênciasdiscências'* por experimentações atravessadas pelas artes em suas dimensões ética, estética, política e poética. *'Corposmentes'* diferentes que ao se encontrar fizeram emergir maneiras singulares de existir, criar e resistir.

Hoje, os artefatos digitais sobressaltam aos olhos por serem, em sua maioria, gratuitos e de fácil manuseio, suprimindo com praticidade as curiosidades e interatividade de nossos estudantes. Esses recursos adentram as aulas chacoalhando os currículos, nos fazendo *'ouvirsentirpensar'* os tantos cotidianos de nossos estudantes que vão para além do *'espaçostempos'* físicos das escolas. Este migra, viaja, transborda de criações curriculares editadas, misturadas, mixadas através de redes educativas que nos conectam e nos fazem cocriadores de produções repletas de sentidos e sentimentos, seja em forma de imagem, som, escrita, fala, gestos, audiovisualidades, virtualidades ... “Trata-se sempre de liberar a vida lá

onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 202).

Prova disso são as fotografias, livros, animações, histórias narradas e tantas outras possibilidades de criações registradas durante todo o período pandêmico – entendemos que ainda estamos nele. Para exemplificar, trazemos uma dessas criações ‘*docentesdiscentes*’ realizadas após o retorno aos ‘*espaçostempos*’ escolares.

Em uma escola pública na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, crianças do quarto ano do ensino fundamental se tornaram autoras e ilustradoras de livros infantis planejados coletivamente ‘*dentrofora*’ das salas de aula. O tema, o título, o texto e os desenhos que compuseram tais obras foram pensados e executados em conjunto, e posteriormente transformados em uma produção virtual através de artefatos e programas digitais gratuitos. Acordos, trocas e embates conferiram aos estudantes uma autonomia de criação e distribuição de diferentes tarefas entre eles. Quem tinha mais prática com as formas, desenhou. Quem fabulava com mais facilidade, escreveu o texto. Outros planejaram as capas, que por eles foram escolhidas. E por fim, ajudaram na montagem da versão online do livrinho. Suas demandas foram respeitadas e negociadas constantemente. Saímos muitas vezes da zona de conforto e lidamos com os imprevistos de forma criativa e divertida.

Portanto, ao traçar planos de afecções que possibilitam blocos de sensações (DELEUZE; GUATTARI, 2010); fomos atravessados e sacudidos pelas tantas possibilidades de usos das artes com as plataformas digitais. As vidas e os currículos distantes dos impulsos desejantes de novidades e travessuras ganharam novas cores e contornos. Elas, as artes e os artefatos digitais, fissuraram toda e qualquer tentativa de controle e regulação, abrindo espaço para os acasos, para as narrativas, vivências, trocas e experiências infinitas.

Palavras-chaves: Artes. Criações curriculares. Cotidianos escolares. Artefatos digitais. Pandemia.

Referências

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019: 115 – 133.

CARVALHO, Janete Magalhães; ROSEIRO, Steferson Zanoni; LOURENÇO, Suzany Goulart. Por docências não dogmáticas e existências não mínimas nos cotidianos escolares. In CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (orgs.). *Currículo e estética da arte de educar*. Curitiba: Editora CRV, 2020: p.89-113.

DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras - 2ed,

2020.

MARTINS, Alice Fátima. Outros fazedores de cinema. Porto Alegre, RS : Zouk, 2019.

NETTO, Maria Jacinta Vargas. Gestos tecnológicos: o que pensa o YouTube em um curso de formação de professores de uma universidade pública na cidade do Rio de Janeiro? Rio de Janeiro: NEFI, 2016. (Coleção: Teses e Dissertações; 3).